

Qual é seu corvo predileto?

Erica Foerthmann Schultz

PUCRS



RESUMO – A crítica especializada, principalmente a americana, nem sempre foi simpática à obra de Edgar Allan Poe, embora esse desprezo não pareça ter afetado a popularidade do contista e poeta. Em Portugal e no Brasil, o poema *O corvo* foi traduzido inúmeras vezes por tradutores do calibre de Fernando Pessoa, Haroldo de Campos e Machado de Assis, entre outros. Este artigo mostra que a tradução de poesia é uma tarefa especializada que exige do tradutor não apenas o domínio do fazer poético, mas o conhecimento dos princípios estéticos que regem a obra. No caso de Poe, os princípios estéticos foram apresentados principalmente nos ensaios *A filosofia da composição* e *O princípio poético*, que fornecem subsídios tanto para a realização da tradução de poemas de Poe quanto para a análise crítica da qualidade das traduções realizadas. Embora não seja possível discutir preferências pessoais, os ensaios críticos de Poe representam um parâmetro seguro para uma análise adequada da qualidade das traduções de *O corvo*.

Palavras-chave: Tradução; Poesia; Análise crítica

ABSTRACT – Literary criticism, especially in America, has not always favored Edgar Allan Poe’s work. However, critical contempt seems not to have affected the popularity of this author. Renowned Portuguese and Brazilian poets and translators such as Fernando Pessoa, Haroldo de Campos and Machado de Assis translated *The raven* into Portuguese. The article shows that the translation of poetry is a specialized task requiring from the translator not only mastery of poetic techniques, but knowledge of the aesthetic principles that govern the author’s work. Poe presented his aesthetic principles in two essays: *The philosophy of composition* and *The poetic principle*. Both essays provide guidelines for the translation of his poems and the assessment of the quality of the translation. Poe’s critical essays may serve as parameters for an adequate quality assessment for the Portuguese translation of *The Raven*.

Keywords: Translation; Poetry; Quality assessment

No primeiro semestre de 2007, quando o Clássico do Semestre focalizou a obra de Edgar Allan Poe, a sala 305 da Faculdade de Letras da PUCRS estava sempre próxima da lotação completa. Sem dúvida, a afluência a um evento dessa natureza pode ser atribuída a exigências da vida acadêmica. Contudo, uma motivação importante para a grande presença do público foi a popularidade de Poe e do gênero gótico em nosso meio. E entre as obras de Poe, “O corvo” é uma das mais populares.

É sabido que Poe é mais apreciado pela crítica especializada do exterior do que em seu próprio país. Um exemplo recente da falta de entusiasmo por sua obra poética é a de Harold Bloom (2004), que reconhece a qualidade de *alguns* poemas e cita nominalmente “Israfel” e “The city in the sea” (p.30), chegando a incluí-los em uma lista de poemas cuja leitura recomenda no final de seu livro. Quanto a *The raven*, considera-o *lamentavelmente predizível* e sustenta que a preditibilidade e o mecanicismo

de sua versificação permitem que “O corvo” seja facilmente retido na memória. No entanto, um grande poema é *inevitável* quanto ao sentido e linguagem que emprega. “O corvo”, contudo, é *predizível*; podemos retê-lo em nossa memória devido a suas características “formulaicas”, ao invés da *inevitável* maestria da linguagem e das imagens (p.37).

Regan (1967) incluiu “O corvo” e “Ulalume” entre os piores poemas do escritor, que aparentemente teriam sido *ditados pelo Anjo do bizarro* (p.7).¹ Segundo o crítico, o autor logra escrever de acordo com seus próprios princípios estéticos apenas em poemas tardios tais como “Eldorado” e “For Annie”, *subordinando todos os constituintes do poema – ritmo, imagens, rima, tom e sentido – a sua totalidade integradora* (p.7).

¹ No original, “Angel of the odd”, título de um conto de Poe.

Na mesma obra crítica, Aldous Huxley publicou um artigo sintomaticamente intitulado *“From vulgarity in literature”* (Da vulgaridade na literatura), no qual se dedicava a criticar negativamente a produção poética de Edgar Allan Poe. Reputava como equivocada a admiração que os poetas franceses manifestavam ao autor, atribuída, segundo Huxley, a conhecimentos insuficientes da língua inglesa e sua versificação. O crítico britânico deplorava a musicalidade excessiva e mau gosto presentes na maioria dos poemas, abrindo exceção para *“The city in the sun”* e *“To Helen”*.

É preciso salientar que nem todos os críticos contrariam o gosto do grande público. Os méritos literários de Poe são destacados por Hoffmann (1995) que tributa ao escritor o papel de precursor dos movimentos simbolista e modernista, para os quais forneceu a base teórica e prática. No contrapé dos artistas americanos de sua época, Poe libera a poesia das restrições da moralidade e da verdade, dando primazia ao efeito estético (p. 8).

O título *“Two verse masterworks: “The raven” and “Ulalume”* (Duas obras-primas poéticas: *“O corvo”* e *“Ulalume”*) demonstra inequivocamente o apreço que Kopley e Hayes (2002) sentem pelos dois poemas de E. A. Poe. Reconhecem a grande popularidade de *“O corvo”*, embora ressaltem que, mesmo que ele não tenha o prestígio da poesia modernista ou pós-moderna, ele não deixa de apresentar uma mescla cativante de acessibilidade e mistério que o faz merecedor de permanente afeto. *É um poema notável sobre a recordação – e uma obra que os leitores nunca esquecem* (p. 191).

Enfatizam o apuro técnico da obra, porém ressaltam que a chave de *“O corvo”* é a lembrança eterna de Poe por seus mortos e, por extensão, [...] *nossa própria memória incessante daqueles que amamos e perdemos. Mesmo inexistindo uma superação do luto, este poema certamente ajuda a criar, ao longo dos tempos e em todo o mundo, uma comunidade de pesar compartilhado* (p. 194). Independentemente dos méritos e deméritos técnicos do poema, o motivador da popularidade universal de *“O corvo”* parece ser a temática do luto e da perda irreparável.

É conhecido o papel exercido pelos franceses Baudelaire e Mallarmé na divulgação da obra de Poe no exterior. Poucos, porém, parecem dar-se conta de que o Poe que tanto apreciam é o Poe que lhes foi veiculado através da língua portuguesa e da leitura de seus tradutores brasileiros e portugueses, muitos deles provavelmente contagiados pela admiração que despertava na França.

Em língua portuguesa, foi traduzido e adaptado por Augusto de Campos, Fernando Pessoa, Haroldo de Campos, Machado de Assis e Milton Amado, para citar apenas alguns de uma longa lista. Entre os que possuem suficiente domínio da língua inglesa para avaliar com algum critério as traduções para o português, sempre

haverá a tradução favorita, aquela que mais se aproxima da leitura pessoal que fazem dos contos e poemas. Gostos não se discutem, mas um conhecimento mais detalhado sobre a tradução pode nos auxiliar a ter uma opinião informada.

Traduzir um poema requer mais do que sensibilidade e habilidade poéticas, embora sejam essenciais. O profissional necessita também de domínio da técnica, conhecimento da obra do autor e das concepções estéticas que defendia. Trata-se de um trabalho de especialidade que exige o mesmo rigor que a tradução de um texto jurídico bilíngue, por exemplo. Logo, para uma seleção informada da melhor tradução de *“The raven”*, alguns aspectos devem ser levados em consideração.

Cabe ao tradutor e, por extensão, ao analista crítico de uma tradução, conhecer o contexto histórico e social em que foi produzida a obra. Edgar Allan Poe sempre foi controverso e avesso a seguir modismos. Em um momento de afirmação nacional norte-americana, contrapunha-se à ideologia dominante do *“destino manifesto”*, caracterizada pela ideologia de expansão inevitável do território estado-unidense. Deliberadamente situava suas narrativas em um ambiente europeizado ou indefinido, recusando-se, na maioria das vezes, a emprestar-lhes um caráter nacional. Esta característica pode ser observada também em *“O corvo”*, cujo cenário é alocado em algum indefinido país do hemisfério norte, com hibernais dezos e soturnos corvos. Nada no poema, porém, explicita que se trata dos Estados Unidos da América. É um dado importante, que não pode ser descuidado pelo tradutor da obra de Poe.

Além de poeta e prosaísta, Poe teorizou sobre o fazer literário e escreveu resenhas críticas em várias revistas de sua época. Krutch (1967) afirma que a carreira de crítico literário teve início fortuito ao participar da equipe editorial da revista *Southern Literary Messenger*, tendo-lhe sido incumbida a tarefa de resenhar livros. Embora tenha estudado Literatura em seus tempos de estudante da Universidade da Virgínia, Krutch duvida que a formação de Poe tenha fornecido o instrumental necessário para a tarefa. Portanto, o crítico literário E. A. Poe foi desenvolvendo seus princípios estéticos na medida em que escrevia suas resenhas e produzia sua obra. Krutch salienta o mérito de Poe em aprimorar os padrões da crítica literária da época, que oscilava entre uma admiração profunda por qualquer obra de procedência européia e um nacionalismo exacerbado que supervaloriza os escritos americanos. Poe produziu uma crítica de caráter predominantemente estético, afastando da obra literária elementos externos, como o julgamento moral e o ufanismo regionalista.

Além das resenhas, quatro ensaios estabelecem com clareza os princípios da poética de nosso autor: *“Letter to B---”* (1836); *“The philosophy of composition”* (1846); *“The rationale of verse”* (1848) e *“The poetic principle”*, publicado postumamente em 1850. Para os propósitos

do presente artigo, serão comentados apenas “The philosophy of composition” (“A filosofia da composição”) e “The poetic principle” (“O princípio poético”). Ambos constituem leitura obrigatória para qualquer pessoa que ambicione traduzir “O corvo”.

“A filosofia da composição” esmiúça o processo que teria levado à criação de “O corvo”, detalhando-o passo a passo e derrubando qualquer noção de que tenha sido criado espontânea e irrefletidamente. “O corvo” seria, na realidade, fruto de um processo consciente e deliberado de criação, cinzelado por um poeta com pleno domínio das regras de versificação da língua inglesa. Há controvérsias quanto à veracidade das informações a respeito do processo criativo, uma vez que o ensaio foi redigido depois da confecção do poema. Segundo Barroso (2000, p. 7):

[...]Poe, com sua irresistível atração pelas *mistificações dialéticas*, cria uma brilhante gênese, obviamente montada *a posteriori* do poema, a qual, apesar disso, e talvez por isso mesmo, se tornou um dos textos primordiais da poética moderna, dando origem a uma linhagem que, passando por Valéry, vai entroncar em numerosos críticos e poetas posteriores. (grifos meus)

Portanto, a leitura do ensaio exige cautela do leitor quanto à fidedignidade na reprodução do processo criativo, mas ilumina os princípios que norteavam a escrita de Poe e constitui um elemento importante para a avaliação da qualidade das traduções realizadas.

O poeta relata que a primeira decisão a ser tomada deve ser o *epílogo*:

Só tendo o epílogo constantemente em vista, poderemos dar a um enredo seu aspecto indispensável de conseqüência, ou causalidade, fazendo com que os incidentes e especialmente, o tom da obra tendam para o desenvolvimento de sua intenção (p. 37).²

A próxima decisão a ser tomada pelo autor seria a escolha do *efeito* do poema. Após os passos iniciais, deve-se decidir quanto à sua *extensão* do poema. Mais uma vez contrário à tradição poética de língua inglesa, Poe declara sua preferência por poemas breves, tendo limitado “O corvo” a cento e oito versos. Logo após, Poe teria retornado a considerações sobre a impressão geral, sendo *a Beleza [...] a única província legítima do poema* (p. 41). Para atingir a Beleza, sua próxima resolução foi quanto ao *tom* do poema. Para obter o tom de tristeza que pretendia para a obra, Poe concentrou-se na criação do *refrão*. Escolhidos estes elementos, teria então começado a composição propriamente dita. Se quisermos, pois, tomar uma decisão informada quanto à qualidade de

uma das traduções de “O corvo”, devemos estar atentos também às escolhas dos tradutores quanto ao epílogo, ao efeito, à extensão, ao tom do poema e ao refrão.

Se acreditarmos completamente nas afirmações de Poe, a composição do poema teria começado por seu epílogo, na estrofe em que o narrador clama:

*“Prophet”, said I, “thing of Evil” – prophet still, if
bird of devil!*

*By that Heaven that bends above us, by that God we
both adore.*

Verificar o tratamento dado pelos tradutores às estrofes climáticas do poema narrativo pode servir novamente de guia para a análise das traduções para o português.

As próximas escolhas do poeta foram quanto à versificação, mais especificamente ao ritmo peculiar de “O corvo”, que teria sido obtido arduamente.

Ora, cada um desses versos, tomado separadamente, tem sido empregado antes, mas a originalidade que “O corvo” tem está em sua combinação na estância, nada já havendo sido tentado que mesmo remotamente se aproximasse dessa combinação (p. 47).

Ao examinar as traduções para o português, deve-se, pois, atentar para o ritmo do poema empregado pelo tradutor.

Prossegue o ensaio com considerações sobre a escolha do cenário, do desenvolvimento do poema e revelação do caráter simbólico do pássaro. Estes aspectos costumam permanecer inalterados em traduções mais convencionais, embora tenham sido modificados por alguns tradutores, como Augusto e Haroldo de Campos.

A publicação póstuma “The poetic principle”³ reafirma o que já estava declarado no ensaio anterior acerca da poética e da literatura. De forma muito resumida, podemos afirmar que sua concepção de poesia era embasada na defesa firme da *arte pela arte*, fuga ao didatismo, da fuga à busca da verdade e do dever. Poesia, para ele, somente seria merecedora deste nome quando *elevasse a alma*. Sempre usando uma linguagem grandiloqüente e abusando do emprego de letras maiúsculas, defendia que o “princípio poético”

[...] é, estrita e simplesmente, a Aspiração Humana pela Beleza Sobrenatural, a manifestação do Princípio é sempre encontrada em *uma excitação que eleva a Alma* – bem independente daquela Paixão que é a satisfação da Razão (p. 92-93).

Defendia também que poemas devem ser *menores* ou *curtos*, mais uma faceta que o distingue de muitos poetas americanos. Poemas longos, segundo ele, correm o risco de perder sua unidade, entendida como a totalidade do efeito ou impressão. Admite também que o Sentimento Poético para a criação da Beleza celestial, pode ser

² As citações do ensaio foram extraídas da tradução realizada por Milton Amado e republicadas em BARROSO, I. (org.), 2000.

³ A edição de 1984 da *Library of America* serviu de base para as afirmações acima. As traduções das citações foram realizadas pela autora.

criada através de todas as formas de expressão artística, incluindo nela até mesmo o paisagismo. Poesia com palavras, ou “A criação rítmica da Beleza” teria estreita relação com a música. *É na música, quiçá, que a alma mais se aproxima da grande meta que almeja quando inspirada pelo Sentimento Poético – a criação da Beleza etérea* (p. 78). Atenção à métrica, rima e musicalidade são preocupações centrais de Poe e devem ser levadas em consideração quando analisamos versões portuguesas de seus poemas.

Para a análise dos recursos de versificação empregados por tradutores, um artigo de Britto (2002) pode servir como fonte de referência. O autor fornece parâmetros para uma avaliação crítica de traduções de poesia, focalizando principalmente os níveis fonéticos e rítmicos através de uma comparação dos recursos métricos e rítmicos das línguas inglesa e portuguesa. Ainda que o método proposto no artigo esteja em fase de elaboração, ele tem o mérito de apontar para uma abordagem contrastiva e acertadamente assinala:

Ao avaliar uma tradução, temos que, em primeiro lugar, determinar quais os elementos formais e semânticos do original. Ao comparar cada um deles com sua contraparte na tradução, precisamos utilizar os conceitos antitéticos de “correspondência” e “perda”; quanto maior a correspondência entre um elemento do original e sua contraparte na tradução, menor terá sido a perda (p. 65).

Uma análise crítica e bem informada das diferentes traduções de “O corvo” não pode, evidentemente, prescindir de um exame acurado das técnicas fonéticas, métricas e rítmicas do autor do original e dos recursos empregados pelo tradutor. Cabe ressaltar, que, para referir-se às características de um original e seu texto traduzido, é mais aconselhável usar o termo *diferenças* ao invés de *perdas*, conforme o faz Britto. Pois um texto traduzido nunca será a cópia fiel de um original, assim como as leituras e percepções de um texto sempre serão, em certa medida, diferentes de leitor para leitor. As diferenças, portanto, são inevitáveis e não representam necessariamente *perdas* ou *falhas* no processo.

Quem estuda a obra de Poe e suas traduções para o português tem o privilégio, nem sempre disponível em outros autores, de contar com exposições detalhadas de sua visão de literatura e técnicas literárias. Mais ainda, Poe, em sua prática, era coerente com os princípios que defendia. A compreensão das circunstâncias e princípios que nortearam a obra, seguida de uma análise formal, representa um guia para uma avaliação da tradução de “The raven” que ultrapasse critérios impressionistas e paixões pessoais.

Diversas traduções de “O corvo” para o português podem ser examinadas no livro organizado por Barroso (2000). Uma página da Internet com o sugestivo título

“Uma nuvem de corvos” apresenta trinta e duas traduções do poema para o português, bem como ensaios sobre o tema. Ele fascina gerações e não faltam tentativas de analisar, traduzir e até abrigar “O corvo”, ave habitante do hemisfério norte.

Acima de tudo, é necessário lembrar que Poe buscava a Beleza e a Elevação da Alma. Com maiúscula. A dificuldade maior é que beleza, com ou sem maiúscula, não é um valor universal. Tampouco o é a apreciação da qualidade poética de certos versos. Este aspecto pode explicar as divergências entre críticos, analistas de tradução e o público em geral. Por mais que conheçamos a obra de Poe, por maior que seja o conhecimento de sua poética, sempre teremos *nossa* versão predileta de “O corvo” em língua portuguesa. Podemos observar em nosso autor uma curiosa mescla de paixão e racionalidade, uma busca de “elevação da alma” através de mecanismos cerebrais e deliberados. Conhecer a filosofia de sua composição pode orientar nossas escolhas por um corvo predileto, mas a defesa apaixonada de uma ou outra tradução para a língua portuguesa é consoante com a obra do Mestre do Bizarro.

Referências

- BARROSO, I. (Org.). *Edgar Allan Poe “O corvo” e suas traduções*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000. 145 p.
- BLOOM, Harold. *The art of reading poetry*. New York: Perennial, 2004. 82 p.
- BRITTO, P.H. Para uma avaliação mais objetiva de traduções de poesia. In: BERNARDO, G. (Org.). *As margens da tradução*. Rio de Janeiro: Caetés, 2002. p. 54-67.
- HOFFMAN, D. Edgar Allan Poe: The Artist of the Beautiful. In: *The American Poetry Review*. v. 22. p. 11-18, 1995. Disponível em: <http://vnweb.hwwilsonweb.com/hwww/results/results_single_fulltext.jhtml>. Acesso em: 15 jun. 2007.
- HUXLEY, A. From vulgarity in literature. In: REGAN, R. *Poe – A collection of critical essays*. Englewood-Cliffs: Prentice-Hall, 1967.
- KOPLEY, R.; HAYES, K.J. Two verse masterworks: “The raven and Ulalume”. In: HAYES, K.J. (Org.). *The Cambridge companion to Edgar Allen Poe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 191-204.
- KRUTCH, J.W. The philosophy of composition. In: REGAN, R. (Org.). *Poe – A collection of critical essays*. Englewood-Cliffs: Prentice-Hall, 1967. p. 15-30.
- POE, E.A. *Essays and reviews*. New York: The Library of America, 1984.
- REGAN, R. *Poe – A collection of critical essays*. Englewood-Cliffs: Prentice-Hall, 1967. p. 1-13.
- UMA NUVEM DE CORVOS. “O Corvo” em português: traduções, inspirações e ensaios. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/arte/PopBox/framepoe.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2007.

Recebido: 12.04.2009.

Aprovado: 27.04.2009.

Contato: <erica.schultz@puccs.br>